



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9057 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

O DISCURSO CINEMATOGRAFICO ACERCA DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Bruna Joanna Menegazzo da Silva - UNOCHAPECÓ - UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

Tania Mara Zancanaro Pieczkowski - UNOCHAPECÓ - UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

O DISCURSO CINEMATOGRAFICO ACERCA DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Resumo: As pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem ganhado visibilidade na sociedade nos últimos anos, em decorrência da crescente difusão do assunto pela mídia e do aumento do número de pessoas com tal diagnóstico. Este estudo objetiva compreender como os discursos cinematográficos relativos às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) produzem efeitos de verdade. A pesquisa, de caráter qualitativo, por meio da Etnografia de Tela, analisou três filmes que tratam do TEA. Os filmes são: *Mary e Max: uma amizade diferente* (2009); *Tão forte e tão perto* (2011); e *Farol das orcas* (2016). A análise aconteceu por meio da análise do discurso, na perspectiva de Michel Foucault. O estudo evidenciou que as produções midiáticas contribuem para a difusão social da temática, sensibilizando a população, mas que também criam efeitos de verdade, ao produzir visões generalistas, padronizadas e romantizadas acerca de pessoas com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Discurso cinematográfico. Efeitos de verdade. Etnografia de tela. Análise do discurso.

Introdução

A mídia tem contribuído, nos últimos anos, para evidenciar as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em seus vários meios de comunicação e com isso, vem gerando maior interesse da população pelas informações a respeito do assunto. A mídia cinematográfica, tem destacado esse tema como centro do enredo de várias obras fílmicas.

Este texto está relacionado à pesquisa para a dissertação de Mestrado em Educação, cujo **problema de pesquisa** assim se constitui: Como os discursos cinematográficos sobre as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) produzem efeitos de verdade? Do problema de pesquisa, derivam as seguintes **perguntas de estudo**: Como se caracterizam as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)? Como as pessoas com Transtorno do

Espectro Autista (TEA) tem ganhado visibilidade social nos últimos anos? Como as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são apresentadas no discurso cinematográfico e que efeitos de verdade são produzidos por esses discursos?

Procedimentos metodológicos

No processo de investigação, primeiramente, foram identificados filmes que abordam pessoas com TEA. Após a visualização dos filmes, foram excluídos documentários, séries, e relatos pessoais, estabelecendo como primeiro critério a seleção narrativas por meio da dramaturgia. Os filmes inicialmente selecionados com respectivos anos de produção foram: *Rain Man* (1988); *O enigma das cartas* (1993); *Forrest Gump* (1994); *Loucos de Amor* (2005); *Mary e Max - Uma Amizade Diferente* (2009); *No espaço não existem sentimentos* (2010); *Tão forte e tão perto* (2011); *Um elo de amor* (2015); *Farol das Orcas* (2016).

Destes, foram escolhidos três (3) filmes para a *etnografia de tela e análise do discurso* na perspectiva foucaultiana. Os filmes são: *Mary e Max: uma amizade diferente* (2009) que narra a história de Max; *Tão forte e tão perto* (2011), que evidencia a atuação de Oskar; e *Farol das orcas* (2016) que destaca o comportamento de Tristán.

A *etnografia de tela*, foi adotada como recurso metodológico para gerar as materialidades empíricas, ou seja, as narrativas dos três (3) filmes selecionados. *Etnografia de tela*, é uma expressão adotada por Rial (2005, p. 120-121) para designar uma metodologia “[...] que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo, a observação sistemática [...]”.

Balestrin e Soares (2014, p. 92) destacam que entre as possibilidades da etnografia [...] a partir de uma tela, consideram que o cinema é um campo fértil para se analisar os diferentes processos e significação envolvidos na manutenção, na construção e na desconstrução de determinados discursos”.

Fischer (2001, p. 198) esclarece que, para analisar os discursos na perspectiva foucaultiana, precisamos antes de tudo “recusar explicações unívocas, as fáceis interpretações e da mesma forma a busca pelo sentido oculto das coisas.” Para Foucault “[...] o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e, também, obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”. (FOUCAULT, 2005, p. 96).

Em suas abordagens acerca dos discursos, Foucault refere-se ao enunciado e na obra *A arqueologia do saber*, apresenta discurso como:

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2012, p. 143).

Fischer (2001) salienta que para analisarmos os discursos, precisamos recusar as fáceis interpretações, a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, pois,

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em

funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos (FISCHER, 2001, p. 198-199).

Ou seja, não se trata de buscar a origem ou intenção de determinado discurso, [...] Trata-se de analisar por que aquilo é dito, daquela forma, em determinado tempo e contexto, interrogando sobre as ‘condições de existência’ do discurso (SALES, 2014, p. 127).

Desenvolvimento e resultados

Os três filmes analisados, enfatizam características semelhantes nos personagens Max, Oskar e Tristán, a exemplo do isolamento social, com restritas relações interpessoais, incluindo a ausência de amizades com pessoas da mesma faixa etária, e a demonstração de dificuldades em estabelecer comunicação com as pessoas à sua volta, seja de forma verbal ou não. Evidenciam, também, o pensamento lógico e literal dos três protagonistas, além da hipersensibilidade sensorial, comportamentos estereotipados, com ou sem auto agressividade.

Os personagens são apresentados ao público com interesses restritos: Max, ao demonstrar interesse na resolução de problemas e viver por décadas a amizade alimentada por meio de cartas com Mary, a quem não conhece pessoalmente, que vive na Austrália, enquanto ele vive nos Estados Unidos. Oskar, ao se envolver em desvendar enigmas, passando toda a narrativa fílmica decifrando o enigma deixado por seu pai, que faleceu. Tristán, interessado em baleias orcas com as quais tem contato no oceano pacífico, no sul da Argentina, a partir de sua primeira reação de interesse, o encantamento manifestado ao assistir um documentário de televisão na Espanha, onde vivia. No filme a mãe viaja com o filho para outro continente, na expectativa de obter ajuda do biólogo protagonista do documentário, para a transformação de Tristán.

Os discursos comportamentais e clínicos são preponderantes nos filmes, mas para fins de caracterização dos sujeitos com TEA, nos amparamos em discursos legais, com base na Lei Nº 12.764/2012. Nessa Lei consta que é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela que apresenta:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos.

Os olhares clínicos e legais deixam suas marcas e influenciam o campo da educação e, especialmente da educação especial, subjetivando o público para a ideia do exótico, do impossível, das soluções mágicas, e das determinações biológicas. Por sua vez, concepções pedagógicas nos alertam para a importância das interações sociais na constituição humana. Vigotski (1989) na clássica obra *Fundamentos da Defectologia*, alerta que os princípios da

educação de sujeitos com e sem deficiência são os mesmos e que precisamos antes visualizar o sujeito com deficiência e depois a deficiência que o sujeito apresenta.

Nesse sentido, Fischer (2001) destaca que segundo Maingueneau,

[...] as formações discursivas devem ser vistas sempre dentro de um espaço discursivo ou de um campo discursivo, ou seja, elas estão sempre em relação com determinados campos de saber. Assim, quando falamos em discurso publicitário, econômico, político, feminista, psiquiátrico, médico ou pedagógico, estamos afirmando que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num determinado sistema de formação ou formação discursiva: da economia, da ciência política, da medicina, da pedagogia, da psiquiatria (FISCHER, 2001, p. 203).

Na analítica, sentimos a ausência dos discursos pedagógicos ou educacionais. Mesmo que os enredos fílmicos evidenciem a vida de duas crianças (Oskar e Tristán) a escola ou a educação formal estão ausentes. A exclusão escolar desse público até recentemente (falamos de poucas décadas) era naturalizada. A educação inclusiva ganha força no Brasil e no mundo, mas mesmo assim, o olhar clínico, a medicalização, a força determinante dos laudos médicos, são evidentes na educação especial. São marcas da modernidade, quando a deficiência deixa, aos poucos, de ser explicada pelas concepções mitológicas e passa a ser compreendida pelas lentes da ciência. A lógica da classificação, categorização, e cura da deficiência ganharam expressividade e ainda está presente.

Viver em uma sociedade que classifica e estereotipa pessoas, ações e comportamentos pode ser um grande desafio para pessoas com TEA e suas famílias. O ser diferente, concebido como direito na sociedade contemporânea, pode culminar em muitas problemáticas que vem sendo discutidas no campo educacional. Sob esse olhar, Silva (2014, p. 73) esclarece que “Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social [...]”.

No entanto, a questão da diferença e identidade não pode ser reduzida a uma questão apenas de respeito e tolerância, visto que são construções culturais e sociais formadas ao longo do tempo e cristalizadas por meio de discursos reproduzidos. A identidade não é uma essência. Não é um dado. Não é fixa. É um processo de construção e mutação. Silva (2014 p. 82) afirma que “[...] identidade e diferença se traduzem, assim, em declaração sobre quem pertence, e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído” dos diferentes contextos sociais. Essas separações de fronteiras estão fortemente marcadas pelas relações de poder, nas quais dividimos o mundo social entre nós e eles, como forma de classificar, padronizar ou categorizar.

Considerações

As representações acerca de pessoas com TEA difundidas pelos filmes analisados são marcantes e percebidas no comportamento de muitas pessoas com o espectro. Portanto, não se trata de negar as características evidenciadas pelos filmes, pois elas se fazem presentes em muitos sujeitos com TEA. Trata-se de tensionar a forma como tais características podem gerar generalizações, de forma que antes a população visualize o TEA das pessoas e depois

as pessoas com TEA. Isso porque os discursos midiáticos de alto alcance como o cinema, constroem no público telespectador efeitos de verdade, formando imagens padronizadas, por vezes romaneadas, por vezes melancólicas e tristes, de como as pessoas com TEA são, como algo definitivo.

Entendemos que muitas pessoas nunca conviveram com pessoas com TEA, mas passam a conhecê-las pelo cinema, em um tempo em que esse tema tem recebido grande visibilidade. Vale salientar, também, que cada filme se detém em um sujeito com TEA, portanto, a alegação poderia ser de que evidenciou uma única história, sem a pretensão de generalizar. Contudo, mensagens similares repetidas em diferentes filmes, podem produzir no telespectador o efeito de verdade generalizante.

Em tempos em que a educação, a cultura, o entretenimento se tornam mercadoria de consumo, os jogos econômicos de poder, são quem definem o que é mais ou menos interessante veicular em qualquer meio midiático, incluindo o cinema, favorecendo suas produções a partir do que é economicamente ou politicamente mais interessante. Em se tratando dos filmes que apresentam as pessoas com TEA na mídia cinematográfica, é possível compreender que o apelo ao exótico, ao artístico, ao diferente ganha lugar. O interesse do público telespectador, e como consequência a lucratividade com essas produções, não seria o mesmo se ao invés da ficção, os filmes mostrassem a forma como muitas famílias com filhos com TEA se desafiavam diariamente para viver.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel; SOARES, Rosângela. “Etografia de tela”: uma aposta metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermenn; PARAÍSO, Marlucy Alves (organizadoras). **Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 89 – 111.

BRASIL. [Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012](#). Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 dez. 2012, seção I, p. 2.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, Porto Alegre: UFRGS, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

RIAL, Carmen Silva. **Mídia e Sexualidade: breve panorama dos estudos de mídia**. In: GROSSI, Miriam *et al.* (Org.) Movimentos sociais, educação e sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 107-136.

SALES, S. R. Etnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermenn; PARAÍSO, Marlucy Alves (organizadoras).

Metodologias de Pesquisa Pós-Críticas em Educação. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 113-134.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Fundamentos da defectologia:* obras completas. Ciudad de La Habana: Pueblo y Educación, 1989. T. V.